
Os Movimentos Milenaristas Modernos – Uma Análise Sobre o Discurso da Propaganda Ideológica¹

Roldão Pires CARVALHO²

ROVIDA, Mara³

RESUMO

O artigo analisa o discurso de propaganda política presente nas séries de documentários produzidas pelo grupo Brasil Paralelo. Por meio da análise do enunciado do segundo capítulo da série Brasil – A Última Cruzada, são destacadas as características de movimento milenarista do grupo e o potencial ideológico que a mensagem contém. Como embasamento teórico-metodológico, são utilizados a proposta de análise do discurso de Patrick Charaudeau, o conceito de ideologia de John Thompson e a perspectiva epistemológica sobre movimentos milenaristas de John B. Gray.

PALAVRAS-CHAVE: análise de discurso; ideologia; movimentos milenaristas; propaganda política.

INTRODUÇÃO

Durante a história, constantemente momentos de crise abalam profundamente a sociedade dando início a movimentos milenaristas. Esses movimentos partem da crença cristã do apocalipse, no qual Jesus retornaria, venceria o mal e traria um reino de paz e harmonia para todos no mundo.

Segundo John Gray (2008), esses movimentos e essa crença do fim do mundo sofre um processo de secularização no período do Iluminismo e se instaura de forma diacrônica na política moderna. Os exemplos citados pelo autor no século XX são o nazismo e o comunismo que pregavam o fim do mundo em que viviam para a criação de outro melhor, pressupondo que todos aceitassem as propostas de forma homogênea. No século XXI o exemplo é o dos EUA pós 11 de setembro de 2001, prometendo combater e exterminar o terrorismo no mundo e querendo implantar a democracia aos moldes

¹ Trabalho apresentado na DT- 8 Estudos Interdisciplinares do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – UNISO, e-mail: roldao_pires@hotmail.com

³ Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – UNISO, e-mail: mara.rovida@prof.uniso.br

americanos para o Oriente Médio, como um modelo padrão de regime político e econômico.

Os exemplos acima fracassaram e tiveram consequências catastróficas, que segundo Gray, são atribuídas ao utopismo desses movimentos.

Nos EUA a mentalidade utópica e milenarista surge como um movimento político dos neoconservadores e ao que parece esse perfil se repete no Brasil atual. Se nos EUA o movimento começa a surgir com o fim da União Soviética e da Guerra Fria e ganha força no momento de crise com os ataques de 11 de setembro, no Brasil esses movimentos se fortalecem em meio à crise financeira e aos escândalos de corrupção no governo Dilma Rousseff.

O objeto de análise desse trabalho é o discurso presente nas produções midiáticas de um desses grupos conservadores-liberais, com o objetivo de demonstrar como esta visão de mundo utópica se estabelece e como é usada para atingir finalidades políticas e ideológicas. O grupo estudado é o Brasil Paralelo⁴ que possui um site na Internet e que vem produzindo peças audiovisuais com o objetivo de divulgar sua visão de mundo e, principalmente, sua versão da história brasileira. Para este artigo, analisou-se o início do enunciado do segundo capítulo da série Brasil – A Última Cruzada intitulado A Vila Rica. A escolha desse enunciado se deu por ser o que melhor evidencia a mentalidade apocalíptica e da luta entre, como os produtores anunciam no material analisado, os “agentes da luz e das trevas”.

A análise do discurso aqui apresentada é baseada na semiolinguística proposta por Patrick Charaudeau (2016). Para analisar o potencial ideológico do discurso é utilizada a perspectiva de John B. Thompson (2011) e para fundamentar a proposta de mundo apresentada pelo Brasil Paralelo é utilizado o pensamento de John Gray (2008) no que diz respeito às utopias e ao milenarismo.

O DISCURSO DO BRASIL PARALELO

Segundo Charaudeau o verbo enunciar na análise do discurso “consiste em organizar as categorias da língua, ordenando-as de forma a que deem conta da posição que o sujeito falante ocupa em relação ao interlocutor, em relação ao que ele diz e em relação ao que o outro diz” (2016, p. 82.). O modo de organização do discurso enunciativo permite, por sua função, detectar a relação de influência estabelecida entre o

⁴ <https://www.brasilparalelo.com.br/home/>

locutor e o interlocutor. A posição em relação ao interlocutor é estabelecida ao expor o ponto de vista do sujeito comunicador posicionando-o em relação ao mundo ou ao retomar o que já foi dito por um terceiro, estabelecendo posição em relação a outro discurso.

A análise de discurso permitira interpretar a visão do mundo do Brasil Paralelo e a proposta de realidade que pregam em seus materiais midiáticos.

Abaixo segue o discurso analisado:

Por décadas destruíram nosso patriotismo. Através das escolas e da mídia nos fizeram acreditar que somos um povo fadado ao fracasso, que não temos virtude. Ideologias perversas contaminaram o imaginário popular, causando danos incalculáveis em jovens, que hoje estão perdidos e sem norte.

A nossa resposta está sendo imediata. Estamos distribuindo um antídoto em cada canto do país, para todos os brasileiros. Nossos documentários são produzidos para despertar a consciência e o patriotismo de qualquer pessoa. São distribuídos gratuitamente para que tenham o maior alcance possível.

O nosso compromisso é com a liberdade e a consciência do povo brasileiro. Cumprimos a nossa missão. Há um ano lançamos nossa primeira série, Congresso Brasil Paralelo, e ele já foi visto por mais de quatro milhões de brasileiros. Um impacto profundo nas raízes culturais do nosso Brasil. O mais importante é que pessoas como você fizeram a sua parte, tornando-se membros do Brasil Paralelo, comprando nosso produto e nos financiando. Por causa de ato de coragem, estamos aqui para um novo passo, um passo em direção para a retomada da nossa verdadeira cultura, na nossa verdadeira missão como brasileiros (BRASIL PARALELO, 2017).

O Brasil Paralelo se posiciona em uma relação de superioridade ao espectador quando constata um fato negativo e avisa o interlocutor, se disponibilizando a mudar o que não está bom. Os fatos negativos constatados estão na afirmação de que o patriotismo está sendo destruído, que a mídia e as escolas são parcialmente responsáveis por fazer com que os brasileiros acreditem estar fadados ao fracasso e que ideologias perversas contaminam o imaginário popular tornando os jovens perdidos. A postura do Brasil Paralelo é a de reação a esta situação dando uma resposta imediata, um antídoto a essa situação que se encontra o Brasil contemporâneo.

O primeiro aspecto na construção do ponto de vista do grupo a se destacar é a questão do patriotismo. Quem estaria destruindo nosso patriotismo? A resposta está logo em seguida, as escolas e a mídia que fazem as pessoas acreditarem que o brasileiro é sem virtude e fadado ao fracasso. Nessa afirmação e no próprio texto não se coloca

nenhuma evidência que isso esteja acontecendo efetivamente. Evidencia-se muito mais uma opinião política do que uma constatação.

Vários outros questionamentos poderiam ser levantados sobre o patriotismo, mas para esta análise o mais importante está na construção de realidade proposta na afirmação. A proposta apresentada implica em separar patriotas e não patriotas, os que atuam contra a pátria tentando destruí-la. Ao responsabilizar de forma genérica a escola e a mídia, implica-se em dizer que todos os meios de comunicação e todos os profissionais da educação são agentes que sordidamente trabalham para destruir o patriotismo brasileiro, são sabotadores da pátria.

Na continuação da narração afirma-se que ideologias perversas contaminaram o imaginário popular causando danos incalculáveis nos jovens que estão agora perdidos e sem norte. O conceito de ideologia não é apresentado por eles, mas é possível inferir que se referem à visão de mundo. Quanto ao que é nomeado de ideologia perversa, pode-se pelo interdiscurso, interpretar que sejam as perspectivas e pensamentos atribuídos por eles como sendo de esquerda. A qualificação negativa dada para a ideologia com a palavra *perversa* parece ter sido bem escolhida e pensada pelos integrantes do Brasil Paralelo, pois ela pode ter os sentidos de algo desumano, pervertido ou de pouca qualidade moral, atributos que conseqüentemente são imputados aos movimentos de esquerda de forma genérica.

Pode-se interpretar que a qualificação negativa atribuída à ideologia se estende de forma análoga àqueles que a disseminam, escolas e a mídia, e por conseqüência às pessoas que estão envolvidas, educadores e profissionais da comunicação. Todos os profissionais da educação e das mídias de forma indireta são associados a movimentos de esquerda.

A proposta de realidade do Brasil Paralelo é a de que os educadores e os profissionais da comunicação sejam responsabilizados pelos *jovens perdidos*. O sentido que se pode dar aos *jovens perdidos* são os mais diversos. Como o jovem é qualificado como “perdido e sem norte”, o uso da palavra sem norte pode dar um reforço ao sentido de desorientado para a palavra perdido. Porém pode-se interpretar que o perdido possui outro sentido, como sendo arruinado, perturbado, derrotado, imoral e desperdiçado por exemplo. Basta realizar o deslocamento e teremos: “arruinado e sem norte”, “perturbado e sem norte”, “imoral e sem norte” ou “derrotado e sem norte”. Todos são sentidos viáveis, possíveis interpretativos que qualificam os jovens brasileiros. Para realizar essa

colocação tem que se partir do pressuposto que os jovens brasileiros são tábula rasa, facilmente influenciados, sem vontade própria, passivos e fatalistas. São tratados de forma homogênea, ignorando as particularidades individuais, regionais e de classe social.

Perante este cenário negativo proposto pelo Brasil Paralelo eles se colocam como agentes de ação positiva. Surgem como aqueles que trazem o “antídoto” contra a destruição do patriotismo e assim seriam os salvadores dos jovens. De certa forma, o “antídoto” se concretiza nas séries produzidas pelo grupo e que são distribuídas em todos os cantos do país, de forma gratuita e que possuem a qualidade positiva de despertar a consciência e o patriotismo de qualquer um.

Nesse momento do discurso, em que colocam suas produções audiovisuais como antídoto, o termo utilizado reforça as atribuições negativas à escola e à mídia⁵. A palavra antídoto pode ser tanto um remédio contra um veneno, uma toxina ou a prevenção contra algo desagradável. Porém, quando se identifica e qualifica a ideologia perversa, como causa do uso do antídoto, não se atribui apenas como prevenção, mas como forma de curar algo que já ocorreu. Essa linha de raciocínio permite dizer que o sentido está mais para veneno e toxina do que uma prevenção a algo desagradável, pois está combatendo e buscando a cura para algo perverso. O sentido de envenenamento contribui para imagem negativa, de forma mais enfática, das escolas e das mídias; implica em atribuir aos educadores e aos profissionais dessas mídias as características de animais peçonhentos, que envenenam os jovens. Como o que contamina os jovens é algo perverso e venenoso, pode-se relacionar a imagem da serpente, principalmente pela representação do maligno, de engodo, desde Adão e Eva. Os envolvidos com a escola e com a mídia, segundo essa narrativa, são pessoas que fazem parte de uma conspiração, são ardilosas e pretendem destruir não somente o patriotismo, mas causar danos aos jovens.

No mundo maniqueísta proposto pelo Brasil Paralelo, eles são aqueles que trazem a cura, despertam consciências, transformam a cultura positivamente e propõe ao espectador a fazer parte, como outros fizeram, do ato de coragem em ser um agente transformador para o resgate da verdadeira cultura brasileira.

⁵ Lembrando que este trabalho está sendo realizado com possíveis interpretativos e não está realizando estudo de recepção para saber como as pessoas se apropriam e reapropriam do discurso desse enunciado

O termo “retomada da nossa verdadeira cultura”, que implica em dizer que não só existe uma cultura falsa, mas uma cultura única. Em um país com as dimensões continentais que o Brasil possui, o que implica na diversidade geográfica, climática e de biodiversidade, com influência de várias etnias, pode-se dizer que existe uma única cultura? Existe uma cultura que sintetize toda a diversidade brasileira? Ou alguma cultura regional é mais representativa que deva ser a considerada o padrão para todo o país? O termo utilizado só exterioriza a perspectiva reducionista do grupo, reforça o discurso de ódio de forma dissimulada, como se estivesse resgatando ou agindo de forma benigna para todos os brasileiros. No contexto apresentado entende-se que a falsa cultura também foi obra das escolas e das mídias.

Nessa proposta de realidade estabelecida pelo Brasil Paralelo são detectado três grupos de agentes. Um grupo é composto por agentes que qualificados negativamente por realizarem malefícios aos demais grupos, as escolas e as mídias. Outro grupo é composto por agentes passivos, que sofrem com os malefícios causados pelo primeiro grupo e que não reagem, os brasileiros e os jovens. O último grupo é composto pelos benfeitores que se posicionam para defender o grupo passivo e combater o grupo que traz malefícios, este é o Brasil Paralelo que abre a possibilidade de o espectador aderir a essa causa.

A Propaganda ideológica

Busca-se indícios que possam ajudar a avaliar se o discurso do Brasil Paralelo possui potencial ideológico. Para isso, usa-se a perspectiva apresentada por John B. Thompson (2011) que entende por ideologia a mobilização dos sentidos das representações simbólicas para estabelecer ou sustentar uma relação de dominação. Entende o autor como dominação as relações assimétricas de poder estabelecidas de forma contínua. Estabelecemos como potencial, o ideológico, pelo fato de não estarmos utilizando um estudo de recepção da série e, nesse artigo, não estarmos nos aprofundando na produção, dessa forma não estamos realizando a análise tríplice proposta por Thompson e não podemos garantir se os sentidos mobilizados das representações simbólicas realizadas pelo Brasil Paralelo em suas séries efetivamente estabeleceram ou sustentam relação de dominação.

Segundo o autor (2011), existem alguns modos de operação da ideologia e diferentes estratégias. Os *modus operandi* da ideologia são: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação.

No discurso em análise, como mencionado, existem os três grupos, dois ativos e um passivo. A divisão é parte da operação ideológica e está pautada pela fragmentação. A fala do locutor estabelece que as escolas e a mídia sejam causadoras de danos ao proliferar ideologias perversas, ao acabar com o patriotismo e ao desnortear os jovens. O locutor mobiliza os sentidos do que representa a escola e a mídia, tornando-as inimigas a serem combatidas; são as representações do mal, perigosas e ameaçadoras. Constrói-se simbolicamente a representação desses dois agentes de forma negativa. Os jovens e os brasileiros passivos são as vítimas a serem salvas, mobiliza-se o sentido de vítima. O Brasil Paralelo é apresentado como o agente que luta para impedir o mal, mobilizando um sentido heroico, patriótico e corajoso para si. Implica em construir uma realidade em que todos os contrários a sua forma de pensamento conspiram contra os jovens os brasileiros e a pátria.

O uso genérico dos termos escola, jovens, mídia, ideologias perversa, é outro modo de operação da ideologia, o da dissimulação utilizando-se da sinédoque – ação em que uma palavra ou termo que significa parte é utilizado como um todo. O termo escola refere-se a todos os profissionais da educação, como se todos fossem responsáveis por disseminar ideologias perversas, em destruir o patriotismo e desorientar os jovens. A sinédoque serve para ampliar o problema, deixa a realidade proposta mais dramática, dando caráter de urgência na reação.

Na realidade proposta existe um mal que deve ser combatido rapidamente pela gravidade da situação. O Brasil Paralelo estrategicamente universaliza o discurso, convidando o espectador a participar do grupo, porque o que combatem é em benefício de todos. Constrói sua causa simbolicamente como justa e digna de apoio.

Ao qualificar metaforicamente as séries como antídoto, indiretamente reifica a mídia e a escola, impondo características que elas não possuem, de envenenar os jovens.

Resumindo, o potencial ideológico se manifesta na proposta de realidade criada através da mobilização dos sentidos das representações simbólicas principalmente das escolas, da mídia e do que consideram ideologia perversa, e finalmente em sua própria construção simbólica. A apresentação dessa realidade implica em destruir qualquer manifestação considerada de esquerda, ou contrária ao que pensam. Implica em

legitimar ações de controle e de repressão à liberdade de expressão, como o projeto de lei da “Escola sem partido”. Seus resultados potenciais são de manter e estabelecer relação de dominação sobre a escola, sobre as perspectivas políticas e econômicas, e sobre a livre forma de pensar e de expressar.

BRASIL PARALELO COMO MOVIMENTO MILENARISTA

A divisão entre os agentes benfeitores e malfeitores aponta o primeiro indício da mentalidade milenarista, a eterna luta entre o bem e o mal. O simples confronto não implica no milenarismo, mas sim a crença de que o bem definitivamente irá vencer e trará tempos de paz e harmonia à terra.

De acordo com Norman Cohn (apud GRAY, 2008, p. 29) existem cinco características dos movimentos milenaristas tradicionais religiosos: coletiva, terrestre, iminente, total e miraculosa. A questão miraculosa se altera com o advento do Iluminismo, segundo John Gray (2008), a intervenção para as mudanças na terra não seriam mais atribuídas a Deus, mas a humanidade.

Com base nas características apontadas por Cohn, o discurso do Brasil Paralelo pode ser adequado à perspectiva de um movimento coletivo; pode ser tomado como terrestre ao planejar efetuar as mudanças no Brasil contemporâneo; torna-se eminente pelo discurso que aponta o mal em ação e a resposta, por eles dada, imediata. O total é detectado quando se explana que seu antídoto está sendo distribuído em “cada canto do país, para todos os brasileiros” e que seus documentários tem a capacidade de despertar o patriotismo e a consciência de qualquer pessoa para o resgate da verdadeira cultura. Não é miraculosa, mas segundo o discurso, ela é possível através da adesão das pessoas à causa.

Outras características no discurso apontam o milenarismo do movimento. Na realidade proposta pelo Brasil Paralelo é construída a teoria conspiratória de que as mídias e as escolas estão contaminando o imaginário popular. Gray (2008, p. 45) aponta que os jacobinos, bolcheviques e nazistas não dispensavam a demonologia, mesmo não sendo movimentos religiosos, acreditando em amplas conspirações. Todos esses movimentos desencadearam enormes ondas de perseguição e de violência.

A crença em teorias conspiratórias sempre acaba em violência, cedo ou tarde. Um bom exemplo é a obra de Carlo Ginzburg, *História Noturna* (2012), em que o autor

procura investigar de forma diacrônica a criação das representações e mitos sobre a bruxaria e o sabbath.

Segundo as pesquisas de Ginzburg, em 1321, na França, espalhou-se rapidamente por todo o reino da França, o boato de um complô dos leprosos em envenenar a população sã em lhes passar lepra. Alguns dos relatos levantados pelo historiador apontavam que essa conspiração tinha como objetivo, além da contaminação, a conquista do reino pelos leprosos. Inicia-se a perseguição aos leprosos, sendo todos eles reclusos e interrogados. Aqueles considerados cúmplices ou culpados eram condenados à fogueira. Em alguns lugares a população não esperou qualquer ação da coroa, cerraram as portas das casas dos leprosos e atearam fogo.

Durante os capítulos 1 e 2 do livro o autor vai apontando as mudanças nas narrativas dos documentos, novos personagens são acrescentados nos mesmos acontecimentos com o passar dos anos, com outras narrativas conspiratórias, juntam-se os judeus e os mulçumanos. Posteriormente em outro processo conspiratório envolvendo os judeus, surgem os hereges e as bruxas. Esses grupos foram perseguidos por instituições como a Coroa ou a Igreja, eram por elas julgados e condenados, muitas vezes absolvidos e tantas outras vezes eram massacrados pela própria população, sem o aval de instituições oficiais. Não estamos entrando em detalhes, pois, o que nos interessa são os efeitos que esse tipo de boato criou. O processo de transformação se deu devido a diferentes formas subjetivas e coletivas de apropriação e reapropriação dos acontecimentos e dos personagens durante os séculos seguintes. Pessoas eram torturadas e morriam de formas inimagináveis por serem acusadas de conspiração, o que hoje sabemos que não passava de imaginação.

Quando o Brasil Paralelo discursa propondo uma realidade em que existem pessoas que estão conspirando contra a cultura, o patriotismo e contra os jovens, não se sabe como esse discurso será apropriado, se sofrerá alterações e quais serão as reações dos indivíduos. Cria-se, de forma irresponsável, uma situação que potencialmente pode gerar violência ou tragédia.

O uso da violência é um artifício do que Gray chama de “religiões políticas modernas” (2008, p. 45). Inicia com os jacobinos usando o terror como ferramenta de melhoria da humanidade. O Brasil Paralelo não incita à violência de forma direta, mas seu discurso cria simbolicamente uma visão dos profissionais da educação e da comunicação como indivíduos que prejudicam o país e a população, planta a

desconfiança, apresenta esses grupos como maus, como conspiradores o que pode incitar o sentimento de repulsa, ódio e violência moral ou física.

Não se pode responsabilizar o Brasil Paralelo pelos discursos de ódio, pela violência moral e pelas Fake News, que circulam difamando e denegrindo pessoas, mas é possível ver o potencial de contribuição que este tipo de discurso representa nesse contexto. Sem dúvida o estilo de discurso apresentado pelo Brasil Paralelo contribui para que situações assim se disseminem.

Devido a todas essas características apresentadas entende-se que o Brasil Paralelo é um movimento político milenarista. A questão que não podemos responder de forma assertiva é quais as fronteiras entre a estratégia política e a crença? O discurso por si só evidencia que ele faz parte de uma estratégia política, mas não se pode afirmar ou negar se há realmente a crença nos discursos. Para se descobrir até onde existe fé legítima ou se há demagogia, seria preciso um outro tipo de abordagem metodológica como entrevistas com integrantes do grupo para tentar identificar o que realmente pensam.

CONSIDERAÇÕES

Analisado o enunciado do segundo capítulo da série “Brasil- A Última Cruzada”, detectou-se que a proposta de realidade do grupo está pautada na mentalidade da luta entre as forças do bem e do mal. As observações apontadas que caracterizam o Brasil Paralelo como movimento milenarista reforça essa afirmação. O próprio nome da série “A Última Cruzada” demonstra que os integrantes do grupo se propõem muito mais em partir para uma batalha, uma cruzada pelos sentidos das representações simbólicas do passado do que propriamente uma preocupação com a historiografia. A intenção é combater aqueles que julgam serem seus inimigos, através de produções audiovisuais.

Utilizar-se das referências do passado para o uso político não é novidade. O IHGB surgiu no século XIX com essa finalidade, em construir mitos de origem que pudessem criar uma identidade única para o Brasil. A produção de conhecimento histórico estava voltada para os objetivos políticos de unidade centralizada no Império e

principalmente no imperador⁶. Hoje essa visão é totalmente ultrapassada dentro da historiografia brasileira.

Partindo dessa mentalidade maniqueísta e com conteúdo de grande potencial ideológico, semelhantes à historiografia do século XIX, entende-se que a série “Brasil – A Última Cruzada” é caracterizada como propaganda política, disfarçada de documentário sobre a História do Brasil. Tem como função deslegitimar a Historiografia Oficial, que supostamente foi construída por historiadores esquerdistas. Debater e confrontar a historiografia são ações legítimas, porém deve ser pautado por documentos e baseado em sistema teórico-metodológico que atendam os requisitos da História como campo de conhecimento. Expor versões sem esses fundamentos é “achismo”, ou propaganda.

No mundo democrático a livre forma de expressão é direito de todos e deve ser respeitado. Entretanto acompanhado desse direito existe a responsabilidade dos efeitos que o discurso causa nas pessoas e na realidade social. O mais grave do discurso do Brasil Paralelo é originário da mentalidade apocalíptica, da cruzada, utópica, criando inimigos a serem combatidos. Esta mentalidade é o gérmen do ódio, do repúdio ao diferente e da intolerância.

A História pode nos ajudar a compreender e a entender o presente, mas parece não servir como aprendizado pelos erros cometidos. Passado mais de um século desde que Nietzsche escreveu Crepúsculo dos Ídolos, a utopia do “melhoramento” da humanidade continua, contrariando as previsões de seu fim. Tivemos as maiores tragédias da humanidade em busca desses mundos perfeitos, que pregavam a verdadeira cultura, a verdadeira raça ou o verdadeiro sistema econômico. Verdades que se demonstraram engodos.

A mentalidade utópica é perigosa, pois o utópico se desvincula de qualquer senso de realidade. Segundo Gray:

Para a mente utópica, os problemas de qualquer sociedade conhecida não são indícios de imperfeições da natureza humana. Representam sinais da repressão universal – que, no entanto, logo terá fim. A história é um pesadelo do qual precisamos acordar, e, quando isso acontecer, perceberemos que as possibilidades humanas são ilimitadas (2008, p. 39).

⁶ Ver REIS, José Carlos. As Identidades do Brasil, 2007, p. 27 .

Desvinculados da realidade os indivíduos podem crer que possuem uma missão especial, que podem ser heróis, que devem exterminar o mal, sem perceber as mazelas que causam.

A proposta de realidade que o Brasil Paralelo apresenta implica em três áreas do conhecimento. Tenta deslegitimar o historiador e grande parte da historiografia brasileira, também levanta o debate da questão da História Pública, como os historiadores podem popularizar o conhecimento histórico de forma que não a descaracterize. Cria-se um problema para os professores que também são desqualificados, o estudante pode interpretar que o que ele aprende na escola é falso e que os documentários é que trazem a “verdade”, além de servir como forma de legitimar projetos de lei como o “Escola Sem Partido”. E finalmente aos profissionais da comunicação que, como os outros, são deslegitimados, implicando em descrédito da imprensa como um todo. Nota-se que uma das finalidades dessas produções audiovisuais é justamente deslegitimar qualquer profissional que trabalhe com informação e produção de conhecimento. Tudo indica que o objetivo final é calar vozes.

REFERÊNCIAS:

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRASIL Paralelo. Brasil – A Última Cruzada; Capítulo 2. Disponível em: <<https://www.brasilparalelo.com.br/home/>>. Acesso em 3 de abril de 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2.ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970: Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio – 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna**: Tradução Nilson Moulin Louzada – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GRAY, John. **Missa negra**. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “**Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional**”. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 1, CPDOC, 1988, pp. 5-27.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2015

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Vanrhagen a FHC.** 9ª ed. ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** 9. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REVISTA TRANSVERSOS. Dossiê História pública: Escritas contemporâneas da História. Rio de Janeiro: UFRJ, v.7,n.7, 2016.